



CONTINUO *curiosa*

por Yoná Yassuda Virges

Dois filmes lançados em seguida, **I am curious (Yellow)** e **I am curious (Blue)**, com os mesmos personagens, mesma forma, porém não exatamente em uma sequência. Até porque não há uma história nem linearidade. Nos créditos iniciais há o aviso de que é o mesmo filme em duas versões, porém se descredita o tempo todo. Até mesmo em seus momentos documentais, com entrevistas, há muita atuação. O próprio diretor (Vilgot Sjöman) atua como diretor, sua equipe atua e olha diretamente para a câmera, a protagonista utiliza-se do mesmo nome da atriz que a personifica (Lena Nyman), enfim, vemos aí muito da inspiração *Godardiana*. Porém esses filmes levam isso a um nível extremo, não melhorado, apenas mais confuso a ponto de paranoia (aliás, tratarei a partir de agora, ambos os filmes no singular para diminuir as confusões).

Quando o filme dentro do filme se desenrola, apresentando a possibilidade de um alívio, como se nos fosse dado rastros para dar um sentido na aleatoriedade geral, algo surge para nos quebrar e mostrar novamente que isso é um filme. Se mudarmos os fragmentos, teremos dois ou até três filmes diferentes, com os mesmos atores: um documentário, a feitura de um filme e o filme em si.

Independentemente de serem cenas ensaiadas ou não, muitos dos questionamentos de Lena existem. E, na verdade, ainda existem

e são muito atuais em nossa realidade. O que nos faz lembrar o quanto estamos atrasados com esses tipos de discussões. Apesar de ter sofrido uma grande censura na época, não se igualaria ao que sofreria no Brasil atualmente, ainda mais em 1967/1968. E não só por causa da nudez (o que fez o faturamento do filme, já que fora vendido nos EUA como um *softporn*), mas pelo seu conteúdo político e seu questionamento sobre a Igreja. Em uma cena, infelizmente deletada, Lena adentra uma igreja e tira as vestes de um Sacerdote, enquanto fala sobre os males que a Instituição fizera ao longo dos séculos. O resultado é um humano, tal como ela, só que acreditando ser um Deus.

Nesse e outros momentos, mesmo colocando seu ponto de vista ali, ao descreditar o filme dentro do filme e seus personagens e equipe, ele nos faz questionar até qual ponto é exposição do que o realizador pensa ou se não é apenas uma forma de fazer com que o espectador conteste tudo. Acredito que o segundo seja o propósito do filme, por isso o título e por isso uma entrevistadora que realmente tenha a ambição pelas respostas, que viva as questões que apresenta ao mundo: questionar, duvidar de tudo e não se firmar a nada. Isso mostra os traços de *teen movie*; a busca por se encontrar, encontrar algo pelo o que lutar, desconfiar, experimentar, testar seu limites, e todo o turbilhão de ideias e sentimentos que envolvem

a realização de se tornar um adulto.

Há uma entrevista com Martin Luther King Jr., fala-se sobre a não-violência, classicismo, aborto e contraceptivos e fala-se muito de Franco. Há de se pensar o motivo de grandes acontecimentos e ainda tão próximos da Suécia ficarem de fora do filme, como o Muro de Berlim e a opressão causada pela URSS e, a China, até porque muito se fala, no filme sobre o maoísmo. Toda a inquietude da personagem por fazer algo e revolucionar o mundo acabam indo para lugar nenhum, assim como o filme. Seu desespero por elencar problemas, buscar opiniões e contestar por mudanças, acaba perdendo forças e as cenas finais mostram sua desistência, pelo menos em relação a algumas questões. Ela anda em direção oposta a uma manifestação, toda a sua liberdade sexual acabou levando à sarna e o momento que pareceu um dos mais honestos dos filmes; quando o personagem diretor fala que agora vão filmar a cena do encontro de Lena com sua mãe e a personagem, fora das câmeras do “metafilme”, corre de encontro a uma mulher. Afinal, mesmo com pensamento considerado adulto, ela ainda é alguém tentando abraçar o mundo sem medir as consequências.

Essa conclusão também remete à *nouvelle vague* de Godard, movimento no qual todo o espírito jovem, revolucionário e confiante, acaba, muitas vezes,

em um encontro brutal com as consequências; o tiro em *Acossado*; a explosão em *O Demônio das Onze Horas*; a renúncia em *A Chinesa*. Há de se levar em conta que os filmes *I am curious* foram produzidos sob incentivo da Swedish Film Institute, quando Harry Schein tentava criar uma *new wavesueca*. O que foram, dessa leva, os que tiveram maior êxito e reconhecimento, ainda que pouco em relação ao próprio cinema sueco.

Ainda assim, não o vejo como uma aspiração ou cópia e não é com olhar reprovador que vejo esses filmes. A sua forma desconcertante é o que me deixa à vontade ao vê-los, pois posso questionar e mudar de ideia. A protagonista não usa uma aura em seu entorno, como muitas musas dessa onda francesa, ela é completamente cheia de defeitos, se exalta a favor de algo depois muda de opinião e se envergonha. Ela, além disso, se expõe de uma forma raramente vista, e não por mostrar seu corpo fora dos padrões comerciais. Mas há algo que Lena traz para o filme, que a sua presença pesa e nos transforma, também, em curiosos.

